

PAISAGEM ETNOGRÁFICA PARANAENSE DECODIFICANDO O HEIMTAL, UM PATRIMÔNIO TEUTO-RUSSO EM LONDRINA

Humberto Yamaki¹

INTRODUÇÃO

Visto pelo ar, o Norte do Paraná impressiona com a ordenação da paisagem rural e a implantação de cidades a pequenas distâncias. É o resultado do processo de ocupação desenvolvido pela Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), a partir do final da década de 1920. Previa a subdivisão em grandes módulos denominados glebas, subdivididos em lotes rurais de dez alqueires em média e a implantação de núcleos urbanos ao longo da ferrovia e da Estrada Mestre. A empresa de capital britânico tinha como uma das estratégias a formação de colônias ou bairros rurais compostos de grupos homogêneos de imigrantes. O Departamento de Topografia da CTNP, por sua vez, tinha na equipe topógrafos de diversas nacionalidades, tais como russos, alemães e japoneses, de formações e níveis técnicos variados. Projetistas e imigrantes de mais de trinta nacionalidades formavam uma comunidade multicultural. Os topógrafos iam definindo ribeirões, glebas rurais e patrimônios com denominações que evocavam a terra natal dos futuros compradores de lotes.

Se a paisagem é a transformação da natureza em cultura, como afirma Hardesty (2000), pode-se pressupor que os imigrantes vindos além mar foram moldando, definindo as formas e significados segundo seus ideais. Sobre um traçado de núcleo urbano existente, poderiam impor suas marcas nas formas de ocupação e através da localização estratégica de edificações segundo a tradição cultural. A paisagem resultante da presença de teuto russos no primeiro núcleo urbano projetado por um russo nas terras da CTNP, o *Heimtal*, é objeto deste artigo. Decodificar o plano inicial e identificar aspectos simbólicos impregnados no projeto e

suas transformações é necessário para o entendimento e conservação possível dos fragmentos da paisagem etnográfica norte paranaense.

PAISAGEM ETNOGRAFICA NORTE PARANAENSE

Imigrantes de mais de trinta nacionalidades participaram do processo de colonização no empreendimento da Companhia de Terras Norte do Paraná, de capital britânico. Foram estruturando os espaços e definindo áreas de caracterização de acordo com seus ideais e valores multiculturais.

A paisagem moldada pelos imigrantes pode ser compreendida, como sugere Hardesty (2000), a transformação da natureza em cultura. Denominada de paisagem etnográfica pelo mesmo autor, reflete o sistema de significados, ideologias, crenças, valores e a visão de mundo compartilhada por determinados grupos. Os significados dos elementos expressos na paisagem podem ser imperceptíveis e incompreensíveis para outros.

Aspectos simbólicos e significados permeiam a paisagem etnográfica. Transmitir valores como educação e religião, reforçar a identidade através de espaços e edificações significativas e tentar reconstruir paisagem do imaginário faziam parte do repertório de projetistas e da comunidade. Esse enfoque permite contestar em grande parte o mito do improvisado e precariedade que costuma permear as frentes de colonização, da “cidade talhada no machado”.

Projetada por um russo e habitado por teuto russos, os múltiplos significados das paisagens simbólicas do *Heimtal* aguardam, portanto, como afirma Cosgrove (1989), sua leitura e decodificação.



Figura 1: O Patrimônio *Heimtal* ao centro e os conjuntos habitacionais ao redor. Fonte: Google Earth (2010)

TOPONÍMIA COMO IDENTIDADE NO NORTE DO PARANÁ

Os nomes de lugares, a toponímia, articulam linguagem, política territorial e identidade. Constitui relevante marca cultural e expressa uma efetiva apropriação do espaço por um dado grupo cultural. (AZARYAHU e GOLAN apud CORREA, 2003, p.176).

A denominação de ribeirões, glebas e patrimônios no empreendimento da Companhia de Terras Norte do Paraná visava o fortalecimento dos laços dos

imigrantes com as novas terras, acenando com a possibilidade de construção de paisagens simbólicas e idealizadas. No Mapa Ilustrativo para Visitas às Terras do Sindicato Inglês no Norte do Paraná (~1932), publicado em japonês, a estação vizinha de Arapongas chamava-se *Yamato* (grande harmonia ou povo japonês), denominação esta nunca efetivada.

O topógrafo russo Babkov que participou ativamente no Departamento de Topografia da CTNP descreve a seguinte sistemática de definição de nomes de ribeirões e glebas. As denominações existentes nas escrituras de terras eram respeitadas e mantidas, porém, as novas eram definidas utilizando nomes de acidentes geográficos de países de onde vinham os imigrantes além da consulta ao dicionário tupi-guarani. (CMNP, 1975).

Em relação à denominação dos primeiros patrimônios, é evidente a referência aos países de origem dos imigrantes ou dos funcionários da CTNP. Resultou em escolhas como Londrina (filha de Londres), Nova Dantzig (relativo a *Dantzig* atual *Gdanski*) e *Roland* (herói mitológico europeu). A tentativa de anular a toponímia pode ser observada nos anos de 1940, quando o Estado impõe a mudança de nome das cidades de Nova Dantzig para Cambé e de Rolândia para Caviúna.

A denominação *Heimtal* ou “A Casa do Vale” teria sido sugerida pelo corretor de terras da CTNP, o russo Barão von Drachenfels, no final dos anos de 1920. Era possivelmente o nome do vilarejo de origem do corretor, um *marchand* de obras de arte orientais com passagem anterior pela Ásia. Podem ser confirmados nos poucos documentos existentes no Museu Histórico de Londrina.

Nas fichas de vendas de lotes rurais da CTNP, na Gleba Jacutinga, no ano de 1930, podemos identificar o uso das palavras *Heimtal*, *Colônia Heimtal* e *Patrimônio Heimtal* como local de residência dos compradores, mostrando a existência de sobreposições na sua denominação.

A marca da presença germânica no *Heimtal* era reforçada com uma placa de

1930, manuscrita em letras góticas, fincada na terra, na entrada do patrimônio. Nome e grafia procuravam refletir e reforçar a identidade da comunidade.

Além de nomes oficiais de glebas, glebas patrimônio, patrimônios e estações definidos pela Companhia de Terras, existiam as denominações de colônias ou bairros rurais. Neste caso eram criados pela própria comunidade de imigrantes, ora reproduzindo os nomes de patrimônios e glebas ou utilizando palavras que definiam seus ideais ou evocavam novamente a terra natal (YAMAKI, 2008, p.13).

Um último aspecto a ser considerado é a denominação atual de ruas do *Heimtal*. Sobrenomes como *Ernest, Kisser, Stalman, Strass, Blumberg, Dreeger e Cantagalli* permitem identificar algumas das famílias pioneiras que contribuíram à formação e deixaram marcas definidoras na paisagem etnográfica local.

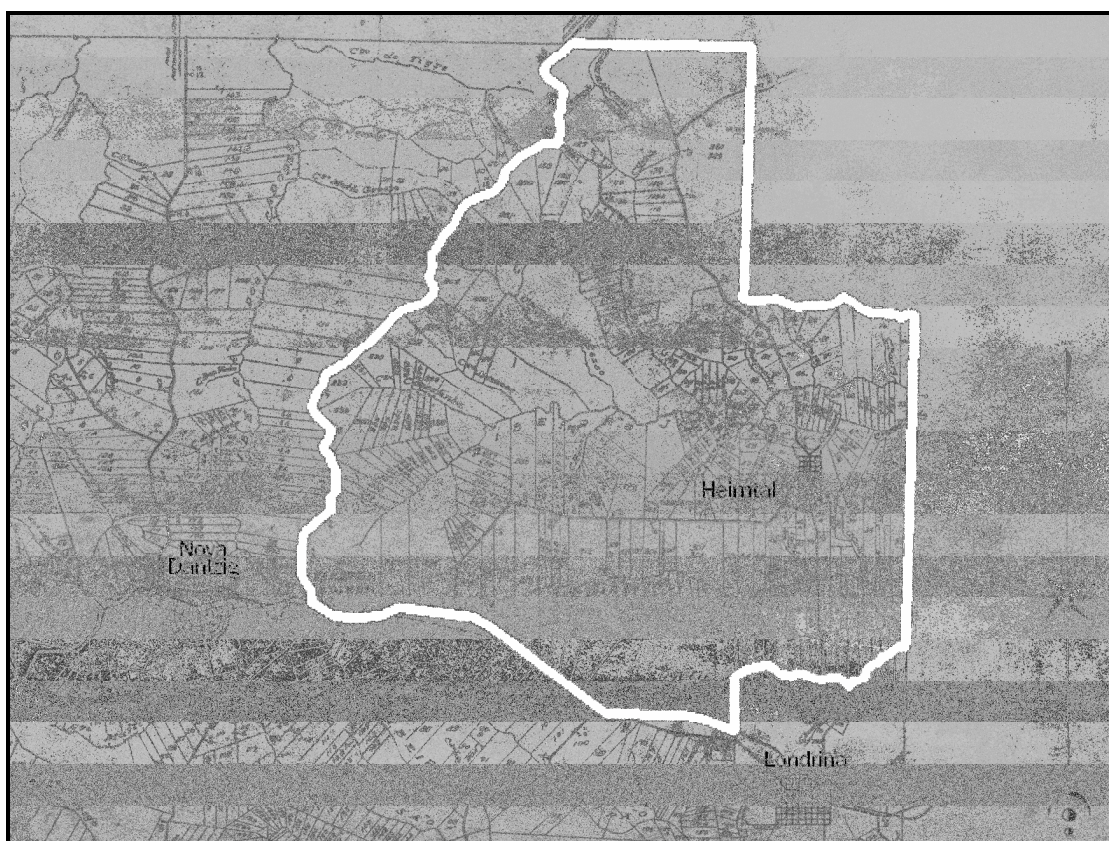


Figura 2: A Gleba Jacutinga e o *Heimtal*. A Estrada Mestre e a ferrovia ao longo do espigão, no sentido leste oeste, iam definindo a implantação de cidades. Fonte: Mapa Base Planta Parcial CTNP (1933). Org. Yamaki (2011). Des.: M.E.Panchoni.

HISTÓRICO DOS NÚCLEOS IMIGRANTES NA ESTRATÉGIA DA CTNP

As primeiras referências sobre a existência do *Heimtal* na região podem ser encontradas em impressos do início da década de 1930. A mais antiga publicação da Companhia de Terras Norte do Paraná foi escrita em japonês por *Shuho Nakanishi*, organizada por *Hikoma Udihara*, corretor de terras da seção nipônica, e publicada pela CMNP em 1931. Visava incentivar a vinda de imigrantes japoneses dispersos nas fazendas de café e pequenas colônias ao longo das ferrovias no Estado de São Paulo. A publicação que tinha o título “*Norte do Paraná - A Califórnia do Brasil*” evocava simultaneamente o estado americano em que emigraram muitos japoneses logo no início do século XX. No livreto existe a seguinte descrição: “A Colônia *Heimtal*, predominantemente de imigrantes alemães já possui um núcleo urbano, e, tendo em vista a criação de um patrimônio moderno estão sendo projetados a escola, a igreja e o jardim”. Afirma ainda que cento e cinquenta famílias estariam chegando em Junho para ocupar os dois mil alqueires da Cooperativa de Colonização Tcheca. Além dessas colônias com características próprias, outras colônias com brasileiros, italianos e alemães estavam em formação. (UDIHARA, 1931, p.17). Confirma assim, a estratégia da Companhia de Terras na formação de colônias de imigrantes visando acelerar o processo de ocupação do empreendimento.

Um relatório de visita à região publicado na *Revista Polytechnica* (1935), pelo engenheiro Lysandro Pereira da Silva, cita a existência das cidades de Londrina, Nova Dantzig e Rolândia. O *Heimtal* é considerado “um centro rural que não se desenvolveu muito em virtude da proximidade com Londrina” (SILVA, 1935, p.17). O autor complementa a descrição de *Heimtal*, citando a excelente escola alemã com prédio próprio e uma boa casa para o professor, construída pela comunidade com auxílio do Consulado de Curitiba. Na quadra de esportes existente se praticava o “*foot ball* e o *volley ball*”.

Ainda na primeira década, a publicação *Álbum de Londrina*, em 1938, descreve que “O Município tem vários povoados, verdadeiras cidades em formação,

que, pela topografia, pelo traçado, aspecto e movimento, estão destinadas a um sorridente porvir” (GOMES, 1938, p.69). São citados quatro povoados em ordem de importância: *Arapongas, Apucarana, Lovat, Heimtal* e *Patrimônio Warta*.

Sendo uma publicação que visava divulgar as atividades da CTNP, pode-se afirmar que o *Heimtal* continuava sendo um dos patrimônios considerados com potencial de desenvolvimento.

Apesar da propaganda oficial, o desenvolvimento do patrimônio *Heimtal* foi lento. A formação da Colônia Roland com apoio da Companhia de Estudos e Colonização Ultramarina de Berlin, na Alemanha, atraiu a vinda de imigrantes alemães para a localidade vizinha. (VILLANUEVA, 1974, p. 38-43). A abertura de novas frentes, novas glebas acompanhando a implantação da ferrovia e da Estrada Mestre iam diminuindo as possibilidades de ocupação plena do Heimtal.

O PROJETO DO PATRIMÔNIO HEIMTAL – “A CASA DO VALE”

Pouco estudado até hoje, o traçado do Patrimônio *Heimtal* apresenta qualidades como complexidade, monumentalidade e legibilidade. Apresenta na sua morfologia a dualidade da submissão e da imposição ao entorno. O topógrafo geodesta russo, Alexandre Razgulaeff, testa pela primeira vez os princípios e modelos urbanísticos possíveis num local sem maiores referências culturais pré existentes, mas sabendo de antemão a possibilidade da vinda de imigrantes teuto russos.

Razgulaeff foi o autor do projeto de Londrina, Nova Dantzig e outras cidades da Companhia de Terras, juntamente com a equipe de topógrafos em que se pode destacar os nomes de Rothmann, Babkov e Kuma. O olhar do topógrafo geodesta identifica um vale e não um “alto”, conforme indicava a tradição. Definia assim o caráter do primeiro povoado, incrustado num vale.

A morfologia resultante do diálogo com o relevo é um retângulo de malha xadrez com contornos irregulares. Afirma-se que o traçado ortogonal rígido representa a ordem, domínio e em alguns casos encarna, representa a civilização.

Localização e acessos

O Patrimônio *Heimtal* ficava localizado a sete quilômetros do centro de Londrina e a dois quilômetros da divisa leste das terras da CTNP, na estrada que ligava Jatahy às margens do rio Tibagi e a Gleba Jacutinga. A Planta Parcial da Companhia de Terras Norte do Paraná (1933) permite identificar a localização do Heimtal e a delimitação da Gleba Jacutinga.

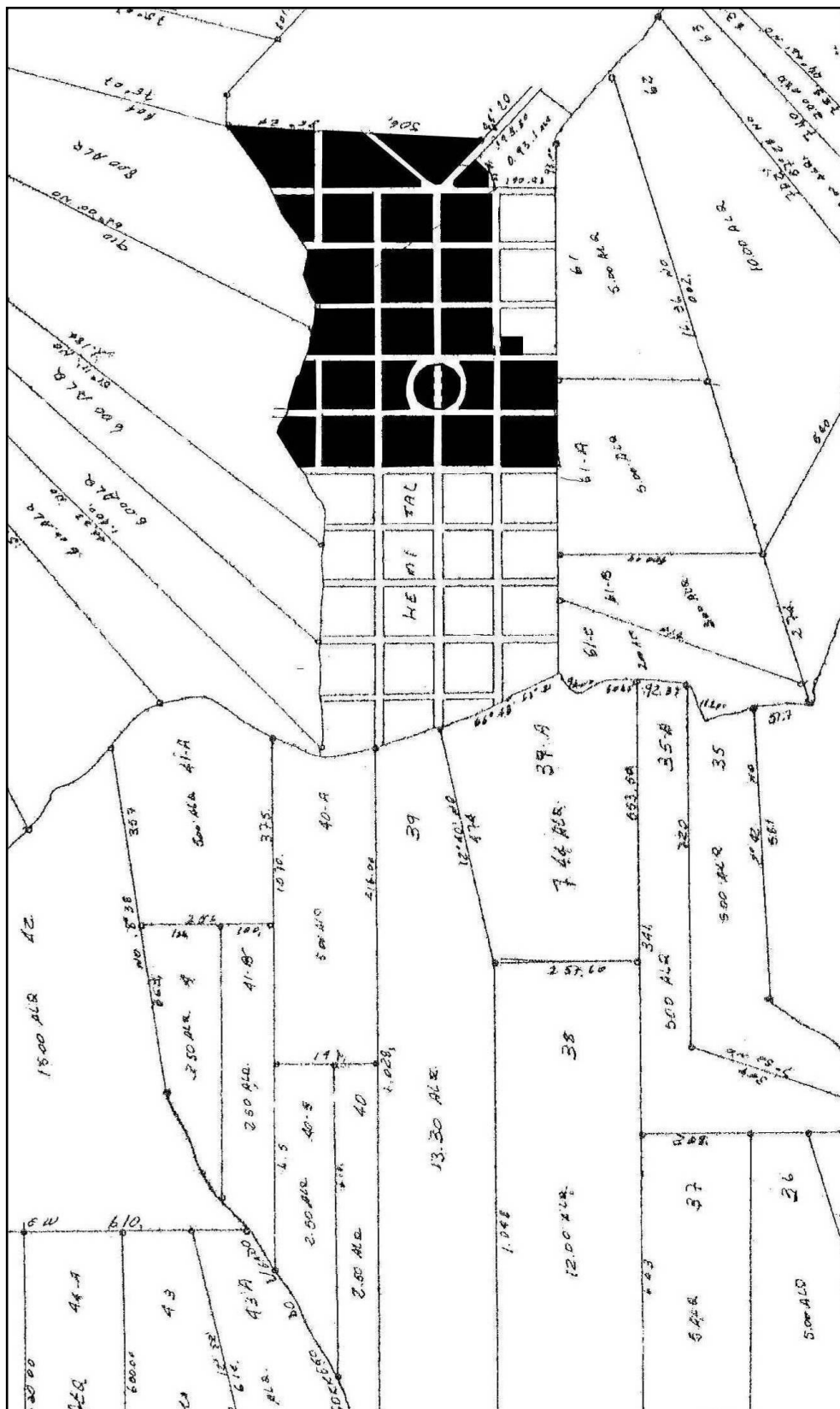


Figura 3: O traçado inicial do Patrimônio Heimtal (autor desconhecido) com os acessos. Em negro a parte regularizada em 1957. Org. Yamaki, Des. NR (2010)

Boa paisagem

Ainda hoje, a perspectiva da avenida e do vale que se descortina do alto do espigão é agradável. Constitui uma paisagem harmoniosa ou a aproximação à uma proto-paisagem que Berque (1990) considerou estar fortemente relacionada com a identidade cultural. Uma boa paisagem tem valores estratégicos de controle. Assim sendo, um núcleo urbano com uma avenida principal em perspectiva, legível num relance e cercado de florestas e vales trazia os componentes para a composição de uma boa paisagem.

Outra leitura possível é aquela definida como paisagens simbólicas de idealização de comunidades. Um pequeno vilarejo com uma igreja de torre alta e casario cercado uma praça constitui uma marca, um dos modelos preferenciais e reconhecíveis de paisagem da Nova Inglaterra, nos Estados Unidos (MEINIG, 1979). Com alguma aproximação, a *Heimtal* trazia referências de um ideal estético cultural europeu de vilarejos bucólicos.

O patrimônio se desenvolve num vale que surge a partir do espigão entre os ribeirões Lindoya e Jacutinga. Com ligeira declividade, o sítio de implantação era favorável ao escoamento das águas, preocupação constante nas frentes de colonização. Razgulaeff explora assim as possibilidades que o sítio oferecia: boa paisagem, de leitura possível num relance e saudável.

Acessos e saídas “desajeitadas”

Os acessos e saídas do patrimônio se articulam desajeitadamente aos caminhos e estradas. No acesso sul, a estrada do *Heimtal* que acompanha as divisas dos lotes rurais vira em ângulo para acomodar-se à avenida principal situada em meia encosta. Na saída ao norte, para a gleba Jacutinga, um dos braços da bifurcação da avenida faz uma concordância pouco natural com a estrada. Revelam

assim, uma possível imposição do traçado do *Heimtal*, negando os limites dos lotes rurais adjacentes a norte e sul.

Pontos cardeais

Uma breve análise do parcelamento de terras no Norte do Paraná, efetuado anteriormente por outras Companhias de Colonização, permite observar que os lotes rurais são conformados obedecendo predominantemente aos pontos cardeais Norte e Sul. Nos primeiros parcelamentos da Companhia de Terras Norte do Paraná, o mesmo processo foi convenientemente reproduzido.

O traçado ortogonal dos primeiros núcleos projetados (*Heimtal* e Londrina) retoma os eixos ortogonais na definição do plano. Afirma-se que a utilização dos pontos cardeais é desde a antiguidade uma prerrogativa de cidades com grande significado. Assim, a ortogonalidade do *Heimtal*, mais do que a facilidade de implantação, é impregnada de um significado maior que merece outras reflexões.

Limites

Os limites irregulares do traçado do *Heimtal* contrastam com a ortogonalidade das ruas. Do lado oeste, a linha de limite acompanha o divisor de águas, resultando em quarteirões e lotes irregulares intencionais.

Vale destacar que os limites do plano inicial apresentam uma clara definição de que o final do traçado era o limite definitivo. Tal fato pode ser observado na subdivisão de quadras, cujos lotes vão diminuindo de largura a medida que se afastam da avenida. O último lote junto ao vale é o mais estreito de todos e sinaliza a não continuidade da malha.

Não existem vias de contorno no traçado do *Heimtal*. O plano não previa a sua expansão, apesar das possibilidades do traçado ortogonal. Era um projeto que vislumbrava uma dimensão controlável, idealizada, podendo ser considerado como uma das vertentes do plano de uma cidade ideal.

Malha ortogonal de cem por cem metros

A malha ortogonal rígida do *Heimtal* é de cem por cem metros, dimensão padrão consagrada nas frentes de colonização no Estado de São Paulo. Segundo Yamori (1975) as virtudes da malha ortogonal são: (1) Pode ser realizado com os mais rudimentares aparelhos de medição; (2) Facilidade na padronização na venda e cobranças de impostos; (3) Facilidade de expansão; (4) Facilidade de implantação de edificações e infraestrutura; (5) Favorecer o controle administrativo, político, entre outros. O traçado ortogonal no *Heimtal* facilitava a medição, a venda de lotes, e mais do que isso, encarnava com a sua regularidade, uma *urbs* no sertão.

Avenida Principal, Ruas e Travessas

Avenida, ruas e travessas de larguras de vinte, quinze e dez metros respectivamente formavam o sistema de vias no Patrimônio. A Avenida principal, de um quilômetro de comprimento, atravessava o núcleo à meia encosta, indo do espigão ao vale. Todas as ruas no sentido leste-oeste terminavam abruptamente nos limites definidos pelo espigão e o fundo de vale. As duas únicas travessas existiam para separar o cemitério e uma das quadras livres, todas na parte alta do plano. A existência de hierarquia de vias pode ser considerada um dos pontos que possibilita confrontar com o recorrente discurso do improvisado nos primeiros projetos da CTNP.

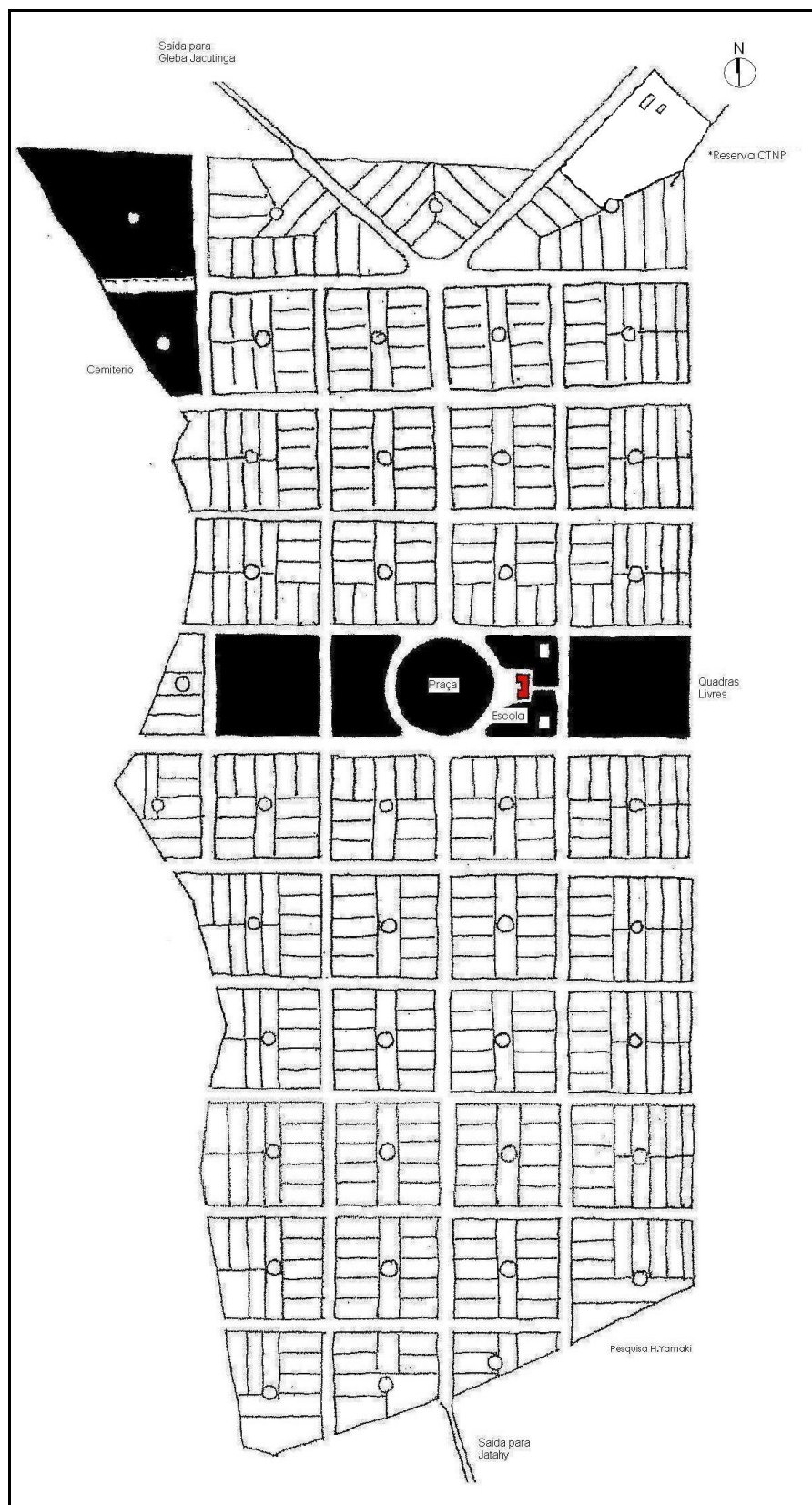


Figura 4: Reconstituição do traçado inicial do Heimtal de autoria de Razgulaeff (1930). Em negrito os espaços livres e de uso institucional. O contorno irregular a oeste acompanha o espigão. Pesquisa e Desenho: Yamaki (2011).

Praça Circular

A Praça Circular com diâmetro de cem metros aproximadamente, é um plano inclinado e define o centro do traçado urbano. Razgulaeff projeta quatro quadras livres que se desenvolvem transversalmente à avenida como uso institucional. Uma das quadras encostadas à praça circular é cuidadosamente recortada para a implantação da edificação da escola em “U”. Mais duas pequenas edificações, simétricas estão demarcadas. Tendo em vista a expectativa da vinda de imigrantes alemães e russos, pode-se imaginar o cenário de uma *StadtPlatz* com a instalação de equipamentos essenciais à comunidade.

Logo nos primeiros anos, no entorno da praça circular são implantadas a escola e suas quadras, a casa do professor e a Igreja Luterana, reforçando o caráter simbólico do local.



Figura 5: A Escola Alemã [1930] na quadra voltada à Praça Circular.
Acervo: MHL Coleção Theodor Preising.

Esplanada

Uma esplanada formada por quatro quarteirões sem parcelamento define o centro do traçado do Heimtal. Formava com a avenida principal a estrutura central do plano. A proposta inicial de seqüência de espaços livres teve boa aceitação, e na década de quarenta a maioria dos lotes ao redor já haviam sido adquiridas pelos imigrantes.

“V” no Final da Avenida

A avenida principal bifurca-se em duas ruas. Constitui um elemento excepcional na malha ortogonal. O braço esquerdo dá continuidade à estrada para a Gleba Jacutinga, e, o braço direito acompanha o ribeirão Mosel, terminando duzentos metros adiante numa reserva de terras da Companhia. O cruzamento de cinco ruas em desnível mostra que o “V” era mais uma linguagem urbanística para oferecer dinamismo ao plano do que efetivamente utilitária ou criadora de perspectivas. Razgulaeff deixa os lotes de ponta das quadras triangulares do “V” um pouco maiores, mas não define exatamente seu uso como espaço público. Assim, esses lotes são logo adquiridos por particulares, anulando as possibilidades de reforçar as características morfológicas e simbólicas.

No ponto focal, no final da avenida três lotes são anexados para a construção da Igreja Católica (1934). Era a adaptação do plano inicial, para tentar resgatar uma tradição cultural em termos de escala, limites e implantação de edificações chave.

Arquitetura dos Imigrantes

A arquitetura predominante do *Heimtal* era simples. Alguns poucos registros da época mostram casas com telhado de duas águas, em madeira ou toras de palmito com cobertura de tabuinhas. A etnicidade era perceptível na maneira de

acesso às moradias pelo lado das águas, fato pouco comum na arquitetura de outros imigrantes na região.

A imagem da Escola Alemã do *Heimtal* mostra uma edificação de madeira elevada sobre toras, com quatro águas e uma varanda frontal anexada de acesso. Não era com planta em “U”, solta como uma ilha, visível na proposta inicial de Razgulaeff. A casa do professor, ao lado, também seguia um estilo padrão de casas de madeira dos anos de 1930.

Marcantes na paisagem, as duas igrejas, Luterana e Católica eram de madeira e se assemelhavam no volume, forma do corpo principal e nas torres pontiagudas. Sobressaiam no conjunto de casario simples de madeira da avenida principal.

Um Povoado Ideal

A grandiosidade do projeto de Razgulaeff não foi levada adiante pela pouca procura pelos lotes no local. Nos cinco primeiros anos, a partir de 1930, foram vendidos respectivamente, quatro, vinte e oito, sete, dois e um lote urbano, num total de quarenta e dois. Era cerca de dez por cento do total de lotes urbanos disponíveis. Deve-se lembrar que em 1932 também havia sido iniciada a ocupação da vizinha Gleba Roland com grupos de imigrantes alemães.

Não se tem notícia da existência de imagens do conjunto do casario de *Heimtal* nessa época. Mas, podemos imaginar a Escola e as duas torres das Igrejas definindo os limites de um conjunto esparso de comercio como a venda, casa do ferreiro, açougue e as casas de palmito e madeira. O final do povoado era marcado pelo cemitério na parte alta a oeste, na saída para as novas frentes de colonização.

Na região nunca se chegou a desenvolver uma arquitetura tipo enxaimel. A germanização do *Heimtal* se efetivou mais pelo simbolismo dos espaços públicos do

que pela arquitetura. A paisagem idealizada afinal teria que se caracterizar somente com as torres das igrejas em limites estratégicos.

DUALIDADE: IMPOSIÇÃO E SUBMISSÃO

A análise dos elementos morfológicos do traçado urbano de *Heimtal* permite observar simultaneamente os processos de imposição e submissão. Imposição quando aplica uma malha ortogonal rígida e nega os caminhos de acessos e saídas, resultando em concordâncias desajeitadas para adaptação ao projeto. Submissão e adequação quando define o vale como local de implantação e considera a linha divisória de águas que resulta em limites irregulares.

Claval (1999) e Cosgrove (1989) fazem reflexões sobre a perda do significado de paisagens. Processo contínuo em que os conjuntos impregnados de memórias são criados, reinterpretados, respeitados ou transgredidos e finalmente esquecidos como é o caso do *Heimtal*.

DECODIFICANDO A PAISAGEM

A paisagem reflete os ideais e a memória de um grupo. Decodificar o projeto, a ocupação e transformação do *Heimtal* permitem compreender os aspectos simbólicos em discussão a cada época. Em outras palavras, identificar o que Berque (1984) formulou como sendo marcas, a contribuição de cada grupo ao modificar e gravar a paisagem.

Projetando um povoado ideal

O projeto inicial do *Heimtal* do russo Razgulaeff trazia gravado fortemente as certezas e incertezas nas frentes de colonização. Sensibilidade na incorporação de

referenciais de parcelamento da gleba rural, submissão ao relevo e imposição de uma morfologia de forte caráter. Uma avenida principal com uma praça circular central em plano inclinado, reforçada pela escola, conformando uma variante de praça, a *Staffplatz*. Uma faixa de quarteirões livres de uso institucional definia a monumentalidade possível. O cemitério marca um dos limites e a saída do *Heimtal*.

Não se sabe sobre a possível influência do Barão Von Drachenfels, corretor de terras russo da Companhia de Terras e de Carlos Strass, pioneiro alemão e demarcador de terras, responsáveis pela vinda de imigrantes alemães, no traçado do núcleo urbano

A planta idealizada por Razgulaeff era carregada de significados. Era o projeto de uma paisagem familiar e reconhecível, um povoado ideal.

“Germanização” possível

A lista de lotes vendidos nos primeiros anos do *Heimtal* mostra a sua concentração na parte mais baixa do vale, no final da avenida. Curiosamente, tais lotes ficavam mais distantes de Londrina e também dos lotes rurais adquiridos pelos imigrantes. Um das hipóteses é a proximidade da água, tendo o ribeirão Mosel ao lado. O cemitério definido logo no plano inicial também ficava nas proximidades dos lotes adquiridos pelos imigrantes alemães. Resultou numa nova estruturação através da ocupação do trecho da avenida entre a Escola (1930)/Igreja Luterana (1932), e a Igreja Católica (1934) / Cemitério (1930).

A paisagem de um povoado tendo como limites as duas igrejas nos remete às áreas de colonização alemã em Santa Catarina. Pequenos povoados projetados distribuem-se pela Colônia *Hansa*, nos afluentes do rio Hercílio, no interior catarinense. É uma paisagem simbólica que define uma *HaupsStrasse*, uma rua principal em escala segundo suas tradições culturais.



Figura 6: A Igreja Luterana (1932) no alto da Praça. Acervo: PML.



Figura 7: Vista da Igreja Católica e do vale através da saída para a Gleba Jacutinga. A edificação inicial em madeira foi construída em 1934. Acervo: MHL Coleção Padre Probst.

A diminuição do Patrimônio *Heimtal* – a regularização

Um documento produzido pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná em 1957 apresenta a Planta do Patrimônio *Heimtal* com as suas dimensões reduzidas pela metade. A justificativa era a estagnação e o fato de que várias quadras haviam sido vendidas como chácaras. Metade da Praça é indicada como área para edificação institucional, as quatro quadras livres são subdivididas e alguns lotes têm a sua orientação redefinida. A Escola já havia sido desmantelada e reconstruída em uma das ruas laterais, afastada dos limites da praça.

O espaço simbólico tendo a Praça com a Escola e a Igreja Luterana ia sendo esquecido e o *Heimtal* continuava perdendo o seu caráter.



Figura8: Planta de Regularização do Heimtal de autoria da CMNP (1956). A planta inicial havia sido reduzida pela metade. Acervo: PML.

Diagonal “flutuante”

Uma avenida em diagonal cruzando a praça central é apresentada no plano viário de 1974. A proposta não efetivada, tentava resgatar uma trilha considerada existente antes do plano inicial de Razgulaeff. Foi mais um dos riscos de anulação e descaracterização da praça circular central.

Reconhecimento efêmero

Uma das poucas referências existentes sobre a importância histórico-morfológica do *Heimtal* e a manutenção do caráter foi publicada no Documento para Discussão do Plano Diretor de Londrina (YAMAKI et al., 1995). Considerava a praça central, a antiga Igreja Luterana e os limites irregulares como elementos importantes a serem preservados.

Réquiem – A derrubada da torre da igreja luterana

A diminuição da comunidade de imigrantes alemães entre outros resultou no gradual desuso e fechamento da Igreja Luterana. Sua estrutura ainda foi utilizada durante algum tempo como um restaurante e residência. No final de 2010, a estrutura e a torre foram finalmente ao chão. Selava assim a descaracterização total do projeto de Razgulaeff que tinha a Praça Central como característica principal.

CONCLUSÃO

Os tecidos urbanos históricos vêm sendo fragmentados e diluídos numa homogeneização que anulam os aspectos simbólicos e o caráter. Tal fato pode ser comprovado quando vemos morfologias tradicionais tangenciadas por novas

avenidas “regularizadoras” e pressionadas por condomínios e conjuntos habitacionais. Os significados da paisagem etnográfica são solenemente ignorados.

No imaginário da população de Londrina, o *Heimtal* foi sítio pioneiro onde se instalaram os imigrantes alemães na década de 1930. Do alto do espigão, ainda hoje podemos vislumbrar sob o ângulo do olhar do topógrafo russo Razgulaeff. Um vale de traços harmoniosos com uma avenida a meia encosta em cujo centro ficava uma praça circular em plano inclinado que era tensionada por edificações significativas.

Uma vez no local, percebemos que a malha ortogonal do traçado original se confunde com a quadrícula dominante dos loteamentos da região. Poucos são os que irão notar a centralidade da praça circular, onde foram construídas a Escola e a Igreja Luterana, logo nos primeiros anos do *Heimtal*. A Igreja, com implantação em destaque, no sítio mais elevado. Refletiam os valores da comunidade: religião e educação.

Hoje, a atenção se volta mais à Igreja Católica construída em 1934 e reformada em 1994. Vale lembrar que a sua implantação na bifurcação de relevo acidentado no final da avenida não era previsto no plano inicial de Razgulaeff.

O traçado inicial, a ocupação e as sucessivas intervenções revelam vários aspectos, principalmente a instabilidade e conforme Lewis (1979), a obscuridade de significados da paisagem. Recentemente, a torre da Igreja Luterana desativada há algumas décadas foi finalmente demolida. O silêncio da comunidade na derrubada de um dos principais elementos simbólicos reflete a despreocupação com os componentes que definem o caráter da paisagem do *Heimtal*.

Decodificar a paisagem delineada pelos imigrantes e seus aspectos simbólicos, com sensibilidade, é um dos caminhos à sua continuidade e preservação. Se a paisagem é nossa autobiografia inconsciente como afirma Meinig (1979), é

essencial resgatar fragmentos visíveis e invisíveis que dão significados e caráter ao conjunto,

REFERÊNCIAS

BERQUE, A. **Nihon no Fukei, Seiyou no Keikan**. (Paisagem do Japão, Paisagem do Ocidente), Editora Kodansha: Tokyo, 1990.

CLAVAL, P. Los fundamentos actuales de la geografía cultural, **Documents D'Análisi Geogràfica**, n.34, Universitat Autònoma de Barcelona, 1999.

CORREA, R. L. A geografia cultural e o urbano, In: CORREA, R. e ROSENDAHL, Z. **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 167 - 186

CMNP, COLONIZAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DO NORTE DO PARANÁ –. São Paulo: Editora Ave Maria, 1975.

COSGROVE, D.; A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORREA, R. e ROSENDAHL, Z. (org). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1989, p.92-123

GOMES, A. (org.). **Álbum Londrina 1938**. Londrina: Tyographia do Parana Norte, 1938.

HARDESTY, D. Ethnographic landscapes: transforming nature into culture, In: ALANEN, A. and MELNICK, R. (org.). Preserving Cultural landscapes in America. Baltimore: John Hopkins University Press, 2000, p. 169-185

LEWIS, P. Axioms for Reading the Landscape, In: MEINIG, D. (ed.). **The interpretation of ordinary landscape**. Oxford: Oxford University Press, 1979, p.11-32

MEINIG, D. Symbolic landscapes – some idealizations of American communities, In: MEINIG, D. (ed.). **The interpretation of ordinary landscape**. Oxford: Oxford University Press, 1979, p. 164-192

SILVA, L. P. Visita a Londrina, **Revista Polytechnica**, n.118, Jan-Fev/ 1935, São Paulo: Escola Polytechnica, 1935.

UDIHIRA H. (org.). **Norte do Paraná – A Califórnia do Brasil**, São Paulo: CMNP, 1931

VILANUEVA, O. **Rolândia – Terra de Pioneiros**. Rolândia: s. Edit., 1974.

YAMAKI, H. **Mini Atlas da Colônia Internacional**: as terras da CTNP. Londrina: Humanidades, 2008.

YAMAKI, H.; NAKAGAWARA, Y.; MENDONÇA, F.; LIMA, F. **Documento para Discussão Plano Diretor de Londrina**. Londrina: IPPUL, 1995.

YAMORI, K.; *Toshizu no Rekishi*, Ed. Kodansha: Tokyo, 1975 p. 296

AGRADECIMENTOS

Ao CNPq pelo Auxílio Financeiro e Bolsa PQ para o desenvolvimento da pesquisa: Paisagem Etnográfica Paranaense.

A Maria Emanuella Panchoni, Mestre em Geografia, pela elaboração de mapas.

A Milena Kanashiro e Alex Lamounier pelas discussões sobre a paisagem etnográfica.

A Manuela Powidayko Alberici, Natalia Ranga, Viviane Carvalho, Giovanna Verri, bolsistas PIBIC/CNPq

RESUMO

O artigo trata da decodificação da paisagem etnográfica moldada pelos imigrantes no empreendimento da Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), a partir de 1930. Uma das estratégias da CTNP era a formação de colônias e patrimônios de grupos de imigrantes de mesma origem visando facilitar a organização da comunidade e a administração. A análise dos significados da paisagem mostra que a toponímia era importante elemento identitário. No projeto inicial do Patrimônio Heimtal de autoria do geodesta russo Alexandre Razgulaeff são identificados vários aspectos simbólicos impregnados. A vinda de imigrantes predominantemente alemães e russos, resulta na adaptação da planta e na sobreposição de significados. Intervenções sucessivas ocasionaram a perda gradual dos significados que eram importantes para a manutenção do caráter da paisagem etnográfica.

Palavras-chave: Paisagem Etnográfica. Decodificação. Simbolismo. Caráter de Paisagem. Companhia de Terras Norte do Paraná. Patrimônio Heimtal.

ABSTRACT

This study deals with the decodification of the ethnographic landscape molded by the immigrants in the enterprise of the Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), in Brazil. One of the strategies of the Colonization Company was the formation of so called Colônias, concentrating groups of immigrants due to facilitate the community organization and the administration. The toponymy was an important element of identity. In the initial design of the Heimtal authored by the Russian geodesist Alexander Razgulaeff were identified various impregnated symbolic aspects. The coming of German and Russian immigrants predominantly, resulted in an adaptation of plant and an overlapping of the meanings. Subsequent interventions resulted in the gradual loss of the meanings that were important to preserve the character of the local ethnographic landscape.

Key words: Ethnographic Landscape. Decodification. Symbolism. Landscape Character. Colonization Company. Heimtal.

Informação sobre o autor:

¹ Humberto Yamaki – <http://lattes.cnpq.br/4677741821909670>

Possui graduação em Arquitetura pela Universidade de São Paulo (1976); Mestre (1981) e Doutor (1984) em Planejamento Ambiental pela Universidade de Osaka. Pós-Doutorado em Desenho Urbano pelo JCUD - Oxford Polytechnic. Atualmente é Professor Associado da Universidade Estadual de Londrina e atua na Pós Graduação em Geografia e no Curso de Arquitetura e Urbanismo. Tem experiência na área de Arquitetura e Urbanismo e atua nos seguintes temas: morfologia urbana, paisagem cultural e etnográfica e reabilitação da arquitetura imigrante. Bolsista PQ – CNPq.

Contato: yamaki@ymail.com

Recebido: 23-07-2011

Aceito: 20-08-2011